

CIDADE EM F(R)ESTA¹: CARNAVAL, TERAPIA OCUPACIONAL E O CUIDADO EM LIBERDADE

City in festivity: carnival, Occupational Therapy and care in freedom

Ciudad in fiesta: carnaval, Terapia Ocupacional y cuidado em libertad

João Gabriel Trajano Dantas

<https://orcid.org/0000-0002-8273-9137>

Universidade Federal da Bahia, Departamento de Saúde da Família da Faculdade de Medicina, Salvador, BA, Brasil.

Sabrina Helena Ferigato

<https://orcid.org/0000-0001-7567-7225>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo: Introdução: A proposta do cuidado em liberdade tornou-se um importante orientador de práticas antimanicomiais no contexto da saúde mental, porém, sua afirmação ainda se mostra um desafio pois implica na participação e envolvimento dos sujeitos com os diferentes espaços urbanos. **Objetivo:** Busca-se analisar a vivência coletiva do carnaval em sua interface com a produção do cuidado em liberdade como estratégia de participação sociocultural a partir dos diálogos com a terapia ocupacional e com a saúde mental. **Metodologia:** Enquanto pesquisa qualitativa, partimos de uma investigação cartográfica nos meses que antecederam o carnaval de 2023, sendo tecida junto ao bloco 'Doido é Tu', um importante e tradicional bloco de carnaval da cidade de Fortaleza-CE, que integra em sua formação e apresentação a participação de usuários e profissionais da Rede de Atenção Psicossocial na mesma medida em que se mostra aberto à comunidade. **Resultados e discussões:** A participação sociocultural é um operador importante para o cuidado em liberdade refletida na experiência tecida junto ao bloco de carnaval demonstrando que a união da festa junto aos espaços públicos urbanos, protagonizada por usuários da Rede de Atenção Psicossocial, pode ser um exercício de liberdade e cidadania. **Considerações finais:** O cuidado em liberdade e a participação sociocultural não só produzem efeitos na vida das pessoas que participam de toda a construção da festa, mas também geram impactos significativos na vida da cidade e da comunidade, apostando na convivência coletiva, diversa e plural como modo de aquecer debates e práticas antimanicomiais aliadas às práticas artísticas e culturais.

Palavras chave: Cidades, território, terapia ocupacional, participação sociocultural, mobilidade urbana, arte e cultura.

Abstract: Introduction: The proposal of care in freedom has become an important reference for anti-asylum practices in the context of mental health. However, its consolidation remains a challenge, as it requires the participation and engagement of individuals with diverse urban spaces. **Objective:** This article aims to analyze the collective experience of carnival in its relation to the production of care in freedom, understood as a sociocultural participation strategy, based on dialogues with occupational therapy and mental health. **Methodology:** As a qualitative study, a cartographic investigation was conducted during the months preceding the 2023 carnival. This research was developed in collaboration with the "Doido é Tu" bloco, an important and traditional carnival group in the city of Fortaleza, Ceará, which incorporates the participation of users and professionals from the Psychosocial Care Network in its creation and performance, while remaining open to the broader community. **Results and discussions:** Sociocultural participation emerges as a key element for care in freedom, as reflected in the experience built alongside this carnival group. This demonstrates that merging celebration with urban public spaces, led by users of the Psychosocial Care Network, can become an exercise in freedom and citizenship. **Final considerations:** Care in freedom and sociocultural participation not only produce significant effects on the lives of those involved in the celebration's creation, but also leave meaningful impacts on the life of the city and its community. They foster collective, diverse, and plural coexistence as a way of advancing debates and anti-asylum practices in conjunction with artistic and cultural initiatives.

Keywords: Cities, territory, occupational therapy, sociocultural participation, urban mobility, art, and culture.

Resumen: Introducción: El cuidado en libertad se ha convertido en un importante guía para las prácticas antimanicomiales en el contexto de la salud mental. Su consolidación es un desafío, ya que implica la participación y el involucramiento de los sujetos con los diferentes espacios urbanos. **Objetivo:** Analizar la experiencia colectiva del carnaval en su relación con la producción del cuidado en libertad a partir de los diálogos con la terapia ocupacional y la salud mental. **Metodología:** Llevó a cabo un estudio cualitativo y cartográfico en los meses previos al carnaval de 2023. Este trabajo se realizó junto al bloco "Doido é Tu", un importante y tradicional bloco de carnaval en la ciudad de Fortaleza, Ceará, que incorpora en su construcción y presentación la participación de usuarios y profesionales de la Red de Atención Psicossocial, al mismo tiempo que permanece abierto a la comunidad. **Resultados y discusiones:** La participación sociocultural se muestra como un elemento clave para el cuidado en libertad. Esto demuestra que la unión de la celebración con los espacios públicos urbanos, liderada por usuarios de la Red, puede convertirse en un ejercicio de libertad y ciudadanía. **Consideraciones finales:** El cuidado en libertad y la participación sociocultural no solo generan efectos significativos en la vida de las personas involucradas en la construcción de la celebración, sino también impactan la vida de la ciudad y de la comunidad, promoviendo una convivencia colectiva como manera de impulsar debates y prácticas antimanicomiales en alianza con iniciativas artísticas y culturales.

Palabras clave: Ciudades, territorio, terapia ocupacional, participación sociocultural, movilidad urbana, arte y cultura.

Como citar:

Dantas, J. G. T.; Ferigato, S. H. (2025). Cidade em f(r)esta¹: carnaval, Terapia Ocupacional e o cuidado em liberdade. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 2969-2984. DOI 10.47222/2526-3544.rbto65043

¹ F(r)esta tornou-se um conceito operativo para este trabalho. A sobreposição das palavras 'festa' e 'f(r)esta' será melhor desenvolvido ao longo do texto.

Introdução

O cuidado em liberdade tornou-se um importante orientador de práticas antimanicomiais no contexto da saúde mental. Nicácio & Campos (2007), ao explorarem os sentidos desta modalidade de cuidado apontam que sua afirmação acontece no cotidiano das relações sociais e exige transformações nas formas de cuidar e interagir tanto com a experiência da loucura quanto com o sofrimento humano.

O cuidado em liberdade tecido junto às pessoas que frequentam serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) possui dimensões práticas e tecnológicas. Estas tecnologias podem transcender os espaços institucionais para auxiliar e estimular a criação e o fortalecimento das redes sociais de apoio, assim como podem agenciar transformações nas "possibilidades concretas de vida das pessoas com a experiência do sofrimento psíquico." (Nicácio & Campos; 2007, p.49)

Apesar dos avanços protagonizados pela luta antimanicomial, pelas reformas psiquiátrica e sanitária e pela expansão das políticas públicas de saúde e de saúde mental, os mecanismos de exclusão e a lógica manicomial se atualizam constantemente e assumem novas roupagens. Neste sentido, reiteramos o alerta de Foucault (2019): os jogos de exclusão são reencontrados, ou ainda, atualizados, impondo desafios a serem superados em cada tempo, em cada sociedade.

A lógica manicomial não se restringe apenas aos muros concretos das instituições psiquiátricas e manicomiais, ou ainda, não se extinguiu com a criação de serviços substitutivos ao modelo asilar e hospitalocêntrico. A manicomialização repaginada pode ser encontrada em experiências como: as comunidades terapêuticas, a indústria do autismo, a guerra às drogas, a medicalização da vida ou a psiquiatrização do sofrimento sociopolítico. "Dos anos 1970 em diante vivemos uma crescente patologização da vida cotidiana, na qual os sujeitos cada vez mais passam a nomear sua experiência psíquica balizados nas diretrizes diagnósticas dos grandes manuais psiquiátricos." (Neves et. al, 2023, p. 133).

Este cenário, onde a manicomialização repaginada se alia às práticas neoliberais, exige a emergência e o fortalecimento de outras lógicas de cuidado. Para isso, é necessário a articulação de uma série de estratégias, políticas públicas, práticas e tecnologias que resultem em experiências que fortaleçam a participação social e cultural, o exercício da cidadania e a inclusão de pessoas com transtornos mentais e/ou em sofrimento psíquico na vida social dos bairros em que moram e nas cidades onde residem.

Neste contexto, a participação sociocultural pode ser compreendida como elemento crucial para produzir junto às pessoas, novas relações com os espaços urbanos, com suas próprias subjetividades e com as atividades que compõem o dia a dia de suas vidas. Silva & Oliver (2019, p. 866) ressaltam a importância da implicação de terapeutas ocupacionais nas reflexões sobre a participação social e cultural no cotidiano de sujeitos e coletivos acompanhados. Assim, compreende-se que é objetivo da prática destes profissionais "promover participação sociocultural de populações em situação de vulnerabilidade, exclusão social, pessoas com deficiência e em sofrimento psíquico".

A participação sociocultural apresenta diferentes formas de ser exercida na vida da cidade. Apesar de sua polissemia, apontamos a participação em festividades populares como uma dimensão importante

que envolve exercício de cidadania por meio da participação sociocultural. Essas festividades podem contribuir com sentimentos de união, pertencimento, alegria e proteção, compreendidas como espaços de convivência plural e diversa, essenciais para o fortalecimento da identidade cultural de um povo e do estreitamento de seus vínculos comunitários. Desta forma, essas festividades se configuram como manifestações culturais que compõem o patrimônio cultural de um povo.

O patrimônio é construído socialmente e tem a participação tanto do saber erudito, como do saber de grupos populares. E cada localidade possui sua singularidade como marca da diferenciação. E, assim, as festas podem propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual. (Oliveira & Calvente, 2012, pg. 82)

Dentre as festividades populares, o carnaval ganha destaque no calendário festivo brasileiro e mobiliza “a população das cidades onde se realiza, exigindo um tempo especial, vazio, isto é, sem trabalho, um feriado.” (Da Matta, 1997, pg. 55). É uma manifestação cultural que expressa as construções coletivas de cada cidade e de cada tempo.

Por exemplo, o carnaval de Olinda-PE, acontece nas ruas e vielas da cidade, com frevo, cor e muita música popular local. Já no Rio de Janeiro-RJ, as ruas são tomadas por bloquinhos, cada qual com uma característica própria, ou ainda, nas turmas de bate-bola² e nos tradicionais desfiles das escolas de samba, onde parte da comunidade se prepara praticamente o ano todo para desfilar no sambódromo nos dias de carnaval e competir pelo título de melhor agremiação do ano. Em Salvador-BA, a lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim com as ruas movimentadas por ritmos afro-brasileiros, antecipam o carnaval da cidade, onde ruas históricas, como as do Pelourinho, são tomadas de gente, alegria e muita dança. Em Fortaleza, a Avenida Domingos Olímpio conta com o cortejo de diferentes agremiações, cada qual com sua representatividade: maracatu, afoxé, o tradicional bloco “Doido é tu” (BDT), dentre outros.

Embora possa ser considerado como exercício de compartilhamento de alegria e, de certa forma, transgressão de algumas normas sociais e urbanas, o carnaval não está imune de expressar os efeitos e contradições de uma sociedade que ainda apresenta estruturas opressoras e excludentes. Machismo, misoginia, LGBTQIAPN+fobia, racismo e outras formas de violência podem ser facilmente identificadas na vivência de muitas pessoas que saem para curtir as festas nas cidades. Por isso, uma leitura interseccional (Crenshaw, 2002) também se faz importante.

Excesso de uso de bebidas e outras drogas, que podem deixar algumas pessoas mais vulneráveis às violências (em praticar ou em sofrer), excesso de lixo pelas ruas, falta de banheiros públicos, falta de acessibilidade, uso desta festividade para alimentar e fortalecer as lógicas capitalistas e neoliberais, especialmente com a privatização dos espaços públicos e das próprias festas de carnaval, são alguns exemplos das contradições de uma festa que se propõe pública e aberta. O que queremos dizer é que, como atividade humana (Lima, 2019; Ferigato 2007), festejar o carnaval não está imune de expressar

² Os Bate-Bola, ou Clóvis, são personagens típicos do carnaval carioca, são foliões tipicamente fantasiados, usam máscaras características, “roupas coloridas e fazendo gestos extravagantes” (Pereira, 2008, pg. 19).

as contradições da sociedade contemporânea. Este aspecto é fundamental para avaliarmos sua potência na interface com a saúde mental e com a terapia ocupacional.

Ao refletir sobre as zonas comuns entre o carnaval e a saúde mental, Jeucken (2024) e Xisto (2012) apresentam duas experiências que relacionam a Atenção Psicossocial com os blocos do carnaval carioca: 'Loucura Suburbana' e 'Ta pirando pirado pirou' (respectivamente) e apontam que essa correlação repercute no cuidado psicossocial. Ambos os blocos são majoritariamente formados por pessoas que frequentam algum serviço da RAPS e, ao ocuparem as ruas com seus ritmos, cores e músicas, endereçam outros sentidos aos espaços públicos e juntos enfrentam os estigmas vivenciados por esta população.

Em meio a essa caminhada que atravessa diferentes paisagens, buscamos por espaços que celebrem as práticas de liberdade, a convivência plural e coletiva que, animadas pela arte e cultura, criam frestas nos muros institucionais para afirmar e exercer um cuidado que produz experiências na e com a cidade, em ato.

Nossa hipótese é que atividades desta natureza podem deslocar o lugar da liberdade em sua relação com a saúde, a cultura e a cidade. Ao ser praticada a liberdade deixa de ser uma promessa, uma utopia, um objetivo ou um instrumento, para se relacionar com a produção de vida, de cuidado e de saúde mental.

Esta perspectiva nos levou ao encontro do bloco carnavalesco 'Doido é tu', na cidade de Fortaleza - Ceará, localizada no Nordeste brasileiro. O bloco envolve forte protagonismo de usuários, profissionais e gestores de serviços da RAPS e conta com a participação de artistas, estudantes e comunidade, especialmente dos moradores do bairro Rodolfo Teófilo. A seguir, o Bloco 'Doido é tu' será melhor apresentado.

Nessa direção, apresentaremos uma cartografia implicada em discutir a prática do carnaval como importante elemento do cuidado em liberdade e da liberdade como prática de cuidado individual e coletivo.

Método e Metodologia

Este artigo compõe a tese de doutorado "Encontros com a Cidade: Poéticas e Práticas do cuidado em saúde mental na interface com os espaços urbanos", que cartografou dois eventos de saúde mental na cidade de Fortaleza-CE: O bloco carnavalesco Doido é Tu e a II Parada do orgulho louco.

A cartografia é compreendida como *ethos* de pesquisa, sua escolha se deu por sua capacidade de acompanhar percursos, por dialogar com as implicações nos processos de produção e de compreender as conexões que se dão em rede ou em rizomas (Passos et. al., 2009; Passos et. al., 2016).

A imersão no campo se deu a partir da participação do pesquisador nas oficinas de bateria, no desfile na avenida e na celebração da vitória. Eventos que aconteceram entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2023.

Neste artigo, encontram-se trechos das entrevistas-conversas realizadas com: Abre Alas - uma gestora cultural; Colombina - terapeuta ocupacional; Porta-Bandeira - educadora física e arteterapeuta; Mestre

de bateria – farmacêutico.³ Os três últimos são profissionais de saúde mental da RAPS e possuem mais de 10 anos de atividade. Todas as pessoas entrevistadas estavam diretamente envolvidas com a realização do BDT no ano de 2023, com a RAPS de Fortaleza e destacaram-se pelo seu histórico junto ao bloco, contemplando os critérios para participação na pesquisa. Os dados foram produzidos a partir das experiências cartográficas com o campo e sistematizados a partir de três instrumentos de pesquisa, sendo eles: observação participante (Minayo, 1994), diário de campo (Lourau, 1993) e entrevistas-conversas (Neves, 2012).

A análise dos dados produziu reflexões sobre diferentes temáticas que atravessaram a experiência cartográfica e são pertinentes tanto ao campo da saúde mental quanto à terapia ocupacional. Porém, no contexto deste artigo, preferiu-se focar na discussão sobre participação sociocultural em sua interface com a terapia ocupacional e com o campo da saúde mental. Os dados foram analisados por meio da técnica interpolação de olhares (Azevedo, 2012).

Resultados e discussões

A partir da cartografia realizada, os resultados serão apresentados em duas partes. A primeira delas representa os caminhos trilhados pelo pesquisador junto ao BDT, apresentando a história do bloco somadas a percepções, reflexões e acontecimentos que culminaram no desfile do bloco no ano de 2023.

A segunda parte expressa as zonas de singularidade da experiência do Bloco Doido é Tu (BDT) onde se discute a constituição de f(r)estas nos espaços urbanos, aproximando o carnaval da Atenção Psicossocial e do cuidado em liberdade. Nessa análise, são exploradas as dimensões da participação sociocultural e da relação corpo-cidade.

Cartografia do Bloco doido é tu e o carnaval na saúde mental

O BDT existe desde 2007, sendo organizado pela Fundação Educacional Silvestre Gomes⁴. O bloco é formado por profissionais de diferentes áreas, pelo público atendido dos 14 CAPS da cidade de Fortaleza e também engloba a participação de familiares, artistas, gestores, estudantes e demais pessoas da comunidade (Movimento de Saúde Mental Bom Jardim, 2013).

Abre-Alas já foi gestora cultural na cidade de Fortaleza e integra, desde seu início, a equipe que coordena anualmente as ações do bloco.

"O bloco Doido é Tu é uma ação da Fundação Educacional Silvestre Gomes, mas, na verdade, ele existe mais como um movimento da sociedade civil de vários atores que se juntaram em função desse bloco, onde a fundação acolheu o bloco e o representa institucionalmente quando necessário, mas o bloco tem estrutura e vida próprias." Abre-Alas

Embora seja uma organização da sociedade civil, a Fundação Silvestre Gomes apresenta um

³ Para proteger a identidade dos entrevistados seus nomes foram substituídos por personagens tradicionais do carnaval.

⁴ A Fundação Silvestre Gomes foi criada em 1999 a partir de um grupo de moradores do bairro Rodolfo Teófilo.

funcionamento semelhante a um Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO)⁵. Ferigato et. al. (2016, p.81) definem os Centros de Convivência como “dispositivos intersetoriais, inseridos em um território e com ele articulado, com o objetivo de promover espaços de convívio e participação social para todas as pessoas desse território, incluindo àquelas que vivenciam diferentes formas de exclusão”. Essa modalidade de equipamento está presente, em sua maioria, em cidades do sudeste brasileiro como São Paulo e Campinas, por exemplo. Todavia, é um equipamento ausente na cidade de Fortaleza e em praticamente todo o Nordeste.

O ‘Doido é tu’ é apontado como o primeiro bloco de carnaval do Brasil composto majoritariamente por usuários e profissionais dos serviços da RAPS, especialmente os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) (SECULT-CE, 2023). Considerado uma ação cultural pela Secretaria de Cultura de Fortaleza, o bloco carrega traços e elementos que dialogam com o universo da cultura popular local.

O Bloco de carnaval “Doido É Tu”, é uma ação cultural da Fundação Educacional Silvestre Gomes, o qual tem como viés de atuação a criação e expressão artística, tendo como foco os direitos coletivos, à exemplo do direito à informação, o acesso aos meios de produção e fruição artísticas, e em especial o direito à saúde mental. Promovendo atividades culturais, e no âmbito da saúde, atendendo a um público diversificado, especialmente os usuários da rede de saúde mental da cidade de Fortaleza (CE). (SECULT CE, 2023).

O BDT é um exemplo de prática intersetorial, pois mobiliza os setores da Saúde e da Cultura, ou seja, a realização desta ação cultural é mediada por políticas públicas de ambos os setores. Sua gestão se dá de modo compartilhado, onde o Comitê Gestor é formado por um familiar, um usuário e um profissional de cada um dos 16 Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza-CE (SECULT CE, 2023).

As oficinas e ensaios preparatórios da ala da bateria tiveram início cerca de dois a três meses antes do carnaval e aconteciam duas vezes por semana (quintas e sábados) na sede da Fundação e numa praça pública até o dia do desfile. Aos sábados, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) se revezavam e levavam seus frequentadores/as para ensaiar na praça, junto à bateria.

A praça onde os ensaios foram realizados é um lugar reconhecido e frequentado pela comunidade local, onde diferentes pessoas praticam seus espaços: crianças brincando no parquinho; jovens e adultos jogando bola na quadra ao lado; vendedores de algodão doce, milho, cachorro quente. Ou seja, a praça demonstrava ser um lugar bastante ativo na vida do bairro.

A prática dos espaços urbanos resulta numa relação que presentifica o corpo na cidade, atua na produção de experiências e memórias que permitem às pessoas diferentes formas de pertencer e se relacionar com o mundo a céu aberto. É nesse exercício que emergem inúmeros modos de existir, praticar, jogar com o espaço urbano, afinal, “o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por

⁵ Em 2023 foi instituído pelo Ministério da Saúde o grupo de trabalho (GT) responsável pela formulação do Programa Nacional para os Centros de Convivência da RAPS (PNCeC), onde o próprio BDT representa Fortaleza e o Nordeste do Brasil (Brasil, 2023). A constituição do GT indica uma preocupação com a construção de uma política nacional para os centros de convivência em sua relação com a saúde mental e cultura.

um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres” (Certeau, 2012, p.184).

Após algumas semanas de ensaio, chegou o dia do desfile no carnaval de 2023, realizado na segunda-feira, dia 20 de fevereiro de 2023 às 19:20. Nesta data, o bloco Doido é Tu entraria mais uma vez na avenida, em seu 16º desfile tendo como tema de samba enredo⁶ “essa comédia é cearense”. Os carros, as fantasias e a letra da música homenagearam um dos grupos de teatro mais antigos do Brasil, criado em 1934 ainda em atividade: o grupo “Comédia Cearense”.⁷

“Coisa tão fácil, Mais difícil nunca vi,
Dizia o mestre Sorrindo, pra não chorar;
Eu sou Haroldo, sou Hiroldo, sou Hiramiza, Eu sou artista deste nosso Ceará.”
(trecho retirado do samba enredo do BDT/2023)

A escolha do tema do enredo revela uma preocupação em dialogar com os coletivos artísticos de Fortaleza, aspectos essenciais na valorização da cultura popular local. Costa e Braga (2013, p. 559) compreendem que a cultura popular pode colaborar com os recursos e estratégias utilizados no campo da saúde mental. Os autores, influenciados pelas contribuições de Paulo Freire, ressaltam “a necessidade de as práticas em saúde mental terem maior criticidade e autonomização - do usuário e do profissional - como organizadoras do cotidiano, enfrentando os desafios de desinstitucionalização da loucura.”

As articulações com a cultura popular contribuem com a produção de identidades coletivas, favorecem a ressignificação de espaços urbanos e reforçam o papel das festividades populares como elemento de resistência e transformação social. Assim, oferecem pistas importantes para fortalecer a lógica do cuidado em liberdade e da participação sociocultural.

As fantasias e adereços utilizados no desfile foram produzidos por usuários/as, profissionais e pessoas da comunidade nos meses que antecederam o carnaval. As oficinas de construção das fantasias aconteciam nos CAPS e na sede da Fundação, evidenciando uma programação continuada ao longo de todo o ano e com estreito diálogo com a saúde mental.

Embora não tenha acompanhado diretamente o trabalho da produção das fantasias e adereços, Abre-Alas destaca os deslocamentos que a atividade de confecção pode promover, apontando a possibilidade de reverter os papéis comumente ocupados por técnicos e usuários do serviço. Um/uma usuário/a com determinada habilidade artística pode ter a oportunidade de ensinar outras pessoas, inclusive profissionais de saúde mental:

“E a gente foi aprendendo muito no trabalho coletivo que a gente faz hoje, no próprio fazer, né? Porque eu acho assim, ele quebra muitos paradigmas. Por exemplo, tem oficinas,

⁶ A estrutura do desfile contou com 8 alas, sendo elas: Ala 1 - A Barragem; Ala 2 - A Rosa do Lagamar; Ala 3 - A Valsa Proibida; Ala 4- O Casamento da Peraldiana; Ala 6 - O Demônio Familiar; Ala 7 - Nos Trilhos da Paixão; Ala 8 - Uma Canção Para Eulália.

⁷ “A Comédia Cearense é um dos mais antigos grupos teatrais do Brasil. Criada em 1957, sob coordenação do ator e dramaturgo Haroldo Serra (1934-2019), é uma instituição considerada de Utilidade Pública não somente pelos seus 6 anos de existência, mas pela ação sociocultural que desenvolve junto à comunidade da região. Ao longo da trajetória foram montados mais de 120 espetáculos em 190 montagens” (Mapa Cultural do Ceará, 2024)

tem profissional terapeuta ocupacional, que vem pra uma oficina dada pelo usuário do CAPS. E ele ali, ele tá como aluno, como participante. É ao inverter, trocar esses papéis, que cria uma relação mais horizontal, que a gente tanto fala. Mas cria sobretudo um novo modo de olhar para aquelas pessoas.”

Abre-Alas

A oferta de espaços que mobilizam a criatividade e o fazer humano, que se preocupam na horizontalidade das relações, potencializam ainda mais a ação cultural do bloco, pois a confecção das fantasias leva consigo características pessoais dos/as usuários/as, desenvolve habilidades, se coloca como meio de expressão de si, dotado de significados e sentidos e caminham na direção da consolidação de estratégias de cuidado mediadas por atividades humanas (Ferigato, 2007) e ocupações.

A experiência do BDT destaca a possibilidade de uma ação continuada se inscrever na geografia simbólica e material da cidade. Sua inserção histórica no imaginário do carnaval de Fortaleza evidencia como projetos dessa natureza nutrem um potencial de estabelecer relações duradouras e transformadoras. Exemplo de como o bloco figura no imaginário local pode ser notado no depoimento de Colombina:

“É uma implicância carnavalesca, eu acho! Uma arenga, que a gente chama aqui no Nordeste. É uma arenga carnavalesca, porque você vai pensar nessa coisa do carnaval, dessa festividade, e dessas pessoas serem vistas como brincantes, como pessoas de um bloco, como representação cultural. Eu acredito que tem um outro significado, uma união dessas pessoas, não só entre si, mas com a cidade também. Porque o Carnaval de Fortaleza existe há muito tempo. Tem o dia dos blocos, o dia do Maracatu, o dia do afoxé. Então, é um bloco que ele é pentacampeão, gente! É uma loucura! É uma loucura, né?” Colombina.

A participação da comunidade é sistematizada a partir de um cadastro dos ‘brincantes’, que auxilia na organização do bloco, o que não impede a participação de outras pessoas interessadas que, por diversas questões, não preencheram o formulário.

Um exemplo, foi o que pude presenciar no dia da saída do bloco. Cheguei mais cedo, para sentir o espaço, observar e ajudar na organização. Percebi que alguns carros foram finalizados horas antes da saída oficial e que as fantasias foram distribuídas conforme a listagem prévia. Uma cena chamou a minha atenção: uma mulher adulta com duas crianças pequenas se aproxima da pessoa responsável por distribuir as fantasias e perguntou “Como faz pra gente ‘brincar’ também?”. A responsável entregou algumas fantasias que sobraram e orientou o pequeno grupo para que pudessem participar e ‘brincar’ pela avenida.

Ao mesmo tempo em que o bloco focaliza o público frequentador dos CAPS, também se mostra aberto à participação de outros agentes. Este aspecto é essencial para pensarmos em ações que misturam diferentes públicos, onde não dá para diferenciar quem frequenta algum dispositivo da RAPS, quem são os profissionais, quem faz parte da comunidade, etc. Na festa, todos estão misturados e praticam alegremente o espaço. Naquela noite, ao iniciarmos o desfile na avenida Domingos Olímpio, fomos banhados por uma chuva imensa que só terminou quando chegamos na dispersão.

Ao todo, desfilaram na Avenida mais de 100 pessoas. O BDT ganhou o primeiro lugar, tive a sorte de

fazer parte do desfile que o tornou pentacampeão do carnaval. Vale ressaltar que os blocos são avaliados por um conjunto de critérios, o que sugere que o BDT é um bloco que também se preocupa com a dimensão técnica e estética do desfile.

Após a vitória, foi realizada uma festa de comemoração na casa da Comédia Cearense, grupo homenageado pelo BDT. Porém, este dia contou com um número escasso de usuários e profissionais, talvez foram somente aqueles e aquelas que conseguiram ir por conta própria. Importante ressaltar que participar dos momentos de celebração também são imprescindíveis.

A experiência do BDT mostra que a produção de tecnologias animadas pela arte e cultura podem produzir cuidado em liberdade que favorece o aquecimento e a atualização de práticas e reflexões antimanicomiais.

Cidade em f(r)esta: Reflexões sobre o carnaval, a cidade e o cuidado em liberdade

A palavra 'fresta', pode designar um espaço de abertura que permite a passagem de ar e luz. É inspirado por esta ideia que 'F(r)esta' se tornou um conceito operativo neste trabalho que sobrepõe os sentidos de 'festa' e 'fresta'. Essa proposta sugere que a participação em festividades populares funciona como frestas no tecido urbano criando aberturas que dão passagens a outros modos de convívio na cidade.

Por meio das f(r)estas é possível entrever outras modalidades de produção de coletividade e solidariedade na cidade, as festividades populares são atividades humanas que fortalecem determinado agenciamento coletivo, no caso deste estudo, das pessoas que frequentam algum serviço da RAPS.

Reafirmamos os apontamentos de DaMatta (1997), antropólogo brasileiro estudioso do Brasil e do carnaval, "(...) pois aqui - suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo - tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é também aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo."

Essas f(r)estas no espaço urbano nos permitem entrever um mundo de cabeça para baixo, que desestabiliza as hierarquias e abre frestas para a imaginação e construção de alternativas coletivas de vida em sociedade. Ao desafiar as estruturas de poder enrijecidas, essas celebrações possuem a potência de promover participação e cidadania.

Assim, a proposição de f(r)estas na cidade diz respeito ao empreendimento de estratégias que fortalecem a participação sociocultural diversificada e plural nos espaços urbanos. Neste sentido, discutiremos dois aspectos importantes para o fortalecimento da lógica do cuidado em liberdade: a participação sociocultural e a relação do corpo com a cidade.

Participar para transformar: a participação sociocultural na transformação do estatuto da loucura

Um aspecto crucial da ação proposta pelo BDT é a interação produzida entre as pessoas que frequentam a RAPS com a comunidade local. Como mencionado anteriormente, a presença dos moradores da região nas atividades do bloco era bastante valorizada e notável durante todo o processo. Assim, a escolha

consciente de quem organiza práticas com os espaços urbanos, seja um bloco carnavalesco ou outra ação cultural, esportiva, artística, etc., deve considerar a intenção de acolher e favorecer a convivência de diferentes públicos.

A participação dos frequentadores da RAPS não se restringe ao dia do desfile, exige o envolvimento em atividades que compõem todo o processo: confecção das fantasias, construção do enredo, treino da percussão, dança, encenação e demais atividades que sustentam o desfile. A participação nas diversas atividades favorece a produção de sentimentos de pertencimento cultural, territorial, espacial e existencial. Assim, a participação sociocultural inscreve outros aspectos que merecem destaque: a participação das pessoas em toda a cadeia produtiva e a ampliação do repertório ocupacional e cultural dos participantes.

Por um lado, a participação nas festividades populares contribui na produção de experiências de convívio, no reconhecimento cultural, territorial e comunitário, estreitando os vínculos sociais e fortalecendo sentimentos de pertencimento e identidade coletiva. Por outro lado, também podem demandar mediação com possíveis tensionamentos sociais do território. A relação do BDT com a comunidade nem sempre se constituiu de modo harmônico. O que pode ser evidenciado no depoimento de Abre-Alas:

"E no início, quando a gente trazia o bloco, por exemplo, a gente sentia muito fortemente o preconceito. O pessoal ficava olhando assim, meio de bando, olhando 'os doidinhos'. Nunca iam chegar perto, para não ser confundidos. 'Ah! vamos pro bloco, vamos sair?' 'Não, não... não sei o que..' Era muito isso. E nesse período de ocupação de praça, de tudo, isso foi mudando. Hoje muita gente da comunidade desfila, as crianças saem no bloco, as pessoas ajudam. E a gente sente que mudou o próprio olhar deles em relação a essas pessoas, as pessoas dos CAPS, aquelas pessoas às vezes vistas como os malucos." Abre-Alas.

Aspecto também reforçado por Porta-Bandeiras que participa anualmente da construção do BDT. A profissional destaca que um dos efeitos da consistência das saídas anuais do bloco é o impacto provocado na redução do preconceito à população que realiza algum tratamento na rede pública de saúde mental.

"Então eu acho que a grande visão da cidade para o Bloco Doido é Tu é isso, é se livrar do preconceito mesmo." Porta-Bandeiras

De modo semelhante, o Mestre de bateria, por trabalhar num CAPS Álcool e outras Drogas (CAPS AD), ressalta a participação em atividades artísticas e culturais na transformação do estigma social vivenciado pela população atendida nesta modalidade de serviço.

"A gente leva a galera pra rua, pro território, e aí a galera passa a ver, e eles categoricamente: 'eu sou paciente do CAPS AD e eu passo o dia tocando percussão, né?' Então isso dá uma renovada no lugar social que aquele cara tem, né? Ele era o 'maconheiro', ele era o 'drogadinho', agora é o percussionista, o músico compõe um grupo." Mestre de bateria

Quando os/as profissionais apontam a importância de ações como as do BDT na redução dos preconceitos, podemos pensar também que a participação em ações implicadas na prática dos espaços urbanos, auxiliam na transformação e ressignificação dos estigmas sociais, onde as pessoas que frequentam os serviços passam a serem vistas como brincantes do carnaval, exibindo sua alegria e

compartilhando o uso de espaços comuns à todos os cidadãos.

Assim, a garantia da participação sociocultural de pessoas frequentadoras da RAPS na cidade, por meio do fazer artístico e cultural de um bloco de carnaval, pode, ao longo do tempo, transformar a maneira como os/as usuários dos serviços são vistos pela comunidade em que vivem. Para que isso aconteça, é necessário fortalecer essa participação para além dos dias de carnaval e dos espaços institucionais. É preciso considerar as festividades que valorizam o território em sua relação histórica e cultural que, por sua vez, pode se inscrever como um importante elemento do cuidado em liberdade.

Prática dos espaços da cidade: relações do corpo com a cidade

Sendo a participação sociocultural um horizonte importante da prática terapêutica ocupacional (Silva e Oliver, 2019). É uma função das/os profissionais desta área pensar na dimensão prática e tecnológica que possam ampliar o acesso das populações nas festividades públicas da cidade.

Nas discussões que atravessam a saúde mental, especialmente na perspectiva da Atenção Psicossocial, pensar no direito à cidade (Lefebvre, 2001) também passa pelo direito às festividades que são produzidas pelo e no território⁸. Como apontado pelo Mestre da Bateria:

"A gente não trabalha saúde mental sem territorialização. Não existe! E aí, de novo, entramos no buraco. Ninguém entende o que é territorialização hoje em dia. Mas territorialização é isso: Eu sou de Fortaleza. Ah, não, meu território é a região 6. É o caramba, velho. Tu não vai no centro comprar uma coisa? Tu não vai à Praia do Futuro tomar um banho de mar? Então, teu território é a cidade. Que é onde faz sentido pra você." Mestre da Bateria.

Para efetivar este direito é necessário pensar nas múltiplas formas de praticar o espaço urbano. A mobilidade urbana pode se configurar como elemento importante neste processo, Mônica Vilaça e Malfitano (2021), ao trazerem as reflexões sobre esse conceito para a terapia ocupacional, apontam sua interface com o reconhecimento do direito à cidade. As autoras (2021) defendem que a mobilidade urbana pode ser utilizada tanto como forma ou instrumento de avaliação em terapia ocupacional, como um recurso da prática profissional (direcionada à determinado objetivo), ou ainda, para fundamentar a inserção de terapeutas ocupacionais nas discussões sobre as políticas públicas de planejamento urbano.

Importante ressaltar que a mobilidade urbana deve ser compreendida não apenas como uma ferramenta ou um instrumento para a profissão, mas também como uma necessidade fundamental para a vida social urbana. Movimentar-se pela cidade é um componente estruturante na garantia do acesso à participação sociocultural de todos os cidadãos.

No caso do BDT, nos dias do desfile e dos ensaios aos sábados foi disponibilizado, por meio do apoio da prefeitura, um (1) ônibus para facilitar a mobilidade dos usuários e profissionais dos CAPS aos locais de encontro: a praça (realização dos ensaios) e a avenida (realização do desfile). Porém, nas entrevistas-conversas foi comum perceber alguns desafios vivenciados na garantia da participação dos usuários nos

⁸ Aqui apostamos no diálogo entre Milton Santos (2014) e Guattari (1992) e consideramos as dimensões sociais, econômicas, ecológicas, políticas e subjetivas na construção de espaços e territórios.

ensaios e no desfile. Abre-Alas revela que, a cada ano, fica mais difícil contar com o transporte institucional, o que coloca em uma situação desfavorável toda a ação proposta.

"Na medida que uma gestão reconhece mais o poder do bloco, de apoiar as ações do CAPS, de gerar experiências para os próprios CAPS, a gente tem um apoio institucional maior. Maior abertura, aí a coordenação manda o ofício para a coordenação dos CAPS, pedindo que considere as ações do bloco uma ação transversal e tudo mais. Quando é uma gestão que não compreende isso... Aí vem todas as dificuldades que já aconteceram (...)" Abre-Alas

Uma gestão que compreende os pressupostos da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica pode facilitar significativamente as práticas de cuidado, favorecendo um diálogo constante com o território. Isso inclui o fortalecimento dos vínculos com a comunidade, a articulação intersetorial e a promoção de atividades culturais e educativas que integram os/as usuários/as do serviço ao tecido social e urbano. Por outro lado, uma gestão sem o 'perfil de saúde mental', como refere o Mestre de Bateria, pode dificultar o empreendimento e a continuidade dessas práticas, isolando e institucionalizando os usuários e limitando seu acesso a recursos essenciais.

"a gente chegou num buraco na saúde mental onde o gestor não tem perfil pra saúde mental na maioria das Unidades de Saúde. É mais indicação, e aí a gente tava num conflito, os profissionais que entendiam a importância do bloco do doido é tu, querendo participar, e o gestor: "não pode. Não vou lhe dar folga. Sábado não gera folga. Não vou lhe dar folga." Mestre de Bateria

É imprescindível pensar em estratégias que facilitem tanto a mobilidade urbana quanto as relações dos/as usuários/as com os espaços urbanos, ou como preferimos aqui, uma relação do corpo com a cidade. Em um evento de grandes proporções, onde as atividades realizadas nos ensaios e no desfile exigem certo esforço físico e mental (como a condução da bateria, dança, canto e festejo) a utilização do transporte institucional local para ida e retorno pode tornar a viagem mais ágil, confortável e menos cansativa.

A utilização de transportes privativos, mas de responsabilidade pública, podem ter um duplo efeito no contexto do cuidado: facilitar o traslado dos usuários aos eventos e garantir maior acessibilidade às pessoas com mobilidade reduzida, com deficiência, idosas, em uso de medicações psicotrópicas, dentre outras características. No entanto, também pode reforçar as relações de tutela.

Entretanto, conhecendo a realidade dos serviços e dos profissionais, o Mestre de bateria aponta que, na configuração atual, o ônibus institucional é essencial para que a vivência junto ao BDT aconteça.

"Ele [o usuário] se envolvia do jeito que a gente dizia assim 'vai ter ensaio no Rodolfo Teófilo 'esta hora' do sábado'. Ele vai! Ele conseguia dinheiro, meu irmão. Ele vai, ele dava um jeito de ir. Hoje como é que está funcionando para dar certo, a Silvestre Gomes manda um ônibus para vir buscar a galera no serviço, então o paciente se desloca até o serviço porque é uma coisa rotineira para ele, num certo horário o ônibus leva." Mestre de bateria.

Ressalta-se a importância, de ser priorizado no cotidiano dos serviços, sempre que possível, a utilização da rede de transportes públicos da cidade, desta forma, os usuários podem aprender diferentes percursos

e podem se familiarizar tanto com a cidade onde moram quanto com a atividade de 'pegar um ônibus'. Estes aspectos podem favorecer o desenvolvimento da autonomia e aperfeiçoar a capacidade de locomoção pela cidade em uma perspectiva de emancipação social (Lussi, 2020), mas sobretudo, ampliar as possibilidades de participar da vida social e cultural da cidade.

A utilização dos transportes públicos e a própria experiência da viagem podem dialogar com dispositivos terapêuticos em saúde mental, uma vez que colaboram no desenvolvimento de habilidades e capacidades necessárias para uma maior apropriação, participação e ocupação dos espaços urbanos. Desta forma, é imprescindível que a mobilidade e as relações com os espaços urbanos não sejam apenas instrumentos ou ferramentas, mas alvos de exercício no cotidiano do trabalho, pois a capacidade de deslocar-se e praticar a cidade são essenciais no fortalecimento da autonomia e independência dos/as frequentadores dos CAPS.

A alternativa de utilizar a rede de transportes públicos no cotidiano dos serviços pode ser mais desafiadora na medida em que existam serviços com equipe reduzida ou com uma gestão que não valoriza as ações territoriais, como apontou o Mestre de Bateria. Acompanhar grandes grupos, especialmente pessoas que apresentam algum grau de dificuldade na movimentação pela cidade, exige maior atenção e maior quantidade de profissionais de apoio, para que possam realizar o acompanhamento de modo seguro e cuidadoso. Afinal, estamos numa cidade que não é acolhedora à diversas populações.

A intenção aqui não é criticar a utilização de um transporte institucional para viabilizar a participação das pessoas, mas pontuar que a mobilidade urbana precisa ser alvo das práticas profissionais de terapeutas ocupacionais, especialmente quando se deseja ampliar as possibilidades de encontros com a cidade, favorecer ganho de autonomia e independência e, sempre que possível, reduzir as relações de tutela. Desta forma, ressaltamos que a luta pelo cuidado em liberdade também passa pela luta por uma rede de transporte público de qualidade, acessível e que garanta a movimentação de todos/as pelo tecido urbano.

Considerações finais

A terapia ocupacional, considerando sua diversidade de práticas, se destaca como uma profissão estratégica que ajuda a reinventar formas de viver coletivamente. Ações culturais, como as protagonizadas pelo BDT, podem servir de inspiração na construção de cenários de resistência e participação, onde a arte e a cultura tomam as ruas e desafiam as barreiras impostas por uma urbanização pouco acolhedora e excludente.

A Atenção Psicossocial brasileira deve manter seu comprometimento na consolidação de tecnologias de cuidado alinhadas à proposta antimanicomial, que procuram ampliar as possibilidades de as pessoas circularem, pertencerem, habitarem a cidade onde vivem. Neste contexto, o Carnaval celebra a diversidade e pode ser espaço de promoção de saúde mental pela perspectiva do cuidado em liberdade, oferecendo a todos a oportunidade de se expressarem e participarem da vida urbana de maneira ativa e afetiva.

A história nos mostra que este trabalho é inevitavelmente coletivo e envolve a ação de trabalhadoras/es, pesquisadores/as, gestoras/es, lideranças políticas, movimentos sociais, Universidades, usuários/as, familiares e toda a sociedade civil. É um compromisso ético, político e coletivo avançar na pauta da saúde mental, que precisa se atualizar na medida que os mecanismos de exclusão também se atualizam.

Assim, nosso trabalho é a luta por uma paisagem urbana onde todos se juntam ao bloco para sairmos em cortejo pela avenida para festejar, cantar, dançar e conviver.

Referencias:

Amarante, P. (2008). *Saúde mental e atenção psicossocial* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Fiocruz.

Amarante, P., & Nunes, M. de O. (2018). A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(6), 2067–2074. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>

Azevedo, B. M. S. (2012). O ensino da gestão no curso de graduação de medicina da FCM/UNICAMP: possíveis encontros entre universidade e serviços de saúde (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Brasil. (2023). Portaria GM/MS nº 874, de 14 de julho de 2023. Institui Grupo de Trabalho para formulação da Política Nacional para os Centros de Convivência da Rede de Atenção Psicossocial - PNCeC. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2023/prt0874_18_07_2023.html

Brasil, Conselho Nacional de Saúde. (1997). Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília.

Carla Jeucke. (2024). Loucura suburbana: O carnaval como componente terapêutico da assistência psicossocial. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 16(47), 1–17.

Certeau, M. de. (2012). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

Costa, I. I. da, & Braga, F. W. (2013). Clínica sensível à cultura popular na atenção ao sofrimento psíquico grave. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(3), 547–562. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300009>

Costa, L. A., Almeida, S. C. de, & Assis, M. G. (2015). Reflexões epistêmicas sobre a terapia ocupacional no campo da saúde mental. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*, 23(1), 189–196.

Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 10(1), 149–157.

Damatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.

Ferigato, S. H., Carvalho, S. R., & Teixeira, R. R. (2016). Os centros de convivência: Dispositivos híbridos para a produção de redes que extrapolam as fronteiras sanitárias. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 8(20), 80–103. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-21472016000300006&lng=pt&nrm=iso

Ferigato, S. H. (2007). O agir criativo em terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*, 15(2), 131–137.

Foucault, M. (2019). *A história da loucura* (9ª ed.). São Paulo: Perspectiva.

Guattari, F. (1992). *Caosmoes*. São Paulo: Ed. 34.

Gonçalves, M. V., & Malfitano, A. P. S. (2021). O conceito de mobilidade urbana: Articulando ações em terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2523. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF1929>

- José Antônio Souza de Deus, Marcos Alberto Torres, Maria Geralda de Almeida, & Maria Augusta Mundim Vargas. (2016). Territorialidades de festas populares: Espaço-tempo cognitivo, conectivo e conflitivo. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, 12(18), 353–368.
- Kastrup, V., & Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(2), 263–280. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>
- Kemper, M. L. C. (2022). Desinstitucionalização e saúde mental de privados de liberdade com transtornos mentais: A experiência do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(12), 4569–4577. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222712.12622022>
- Lefebvre, H. (2008). *O direito à cidade* (5ª ed.). São Paulo: Editora Centauro.
- Lourau, R. (1993). *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Lussi, I. A. O. (2020). Emancipação social e terapia ocupacional: Aproximações a partir das Epistemologias do Sul e da Ecologia de Saberes. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4), 1335–1345. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN2015>
- Mapa Cultural do Ceará. (2024). Grupo Comédia Cearense. *Secretaria de Cultura de Fortaleza*. <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/historico/2670369/>
- Minayo, M. C. de S. (Org.). (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Movimento Saúde Mental. (2019, junho 13). Doido é tu: Bloco de carnaval leva mensagem contra o preconceito. *Movimento Saúde Mental*. <https://movimentosaudemental.org/2019/06/13/doido-e-tu-bloco-de-carnaval-leva-mensagem-contra-o-preconceito/>
- Neves, G. (2012). A entrevista como estratégia metodológica para a crítica de processo. In *Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética* (X Edição, pp. 544–552). PUCRS.
- Neves, A., Ismerim, A., Brito, B., Costa, F. D. da, Pedrosa dos Santos, L. R., Senhorini, M., Silva Junior, N. da, Beer, P., Bazzo, R., Gonçalves, R., Coelho, S. P., & Carnizelo, V. C. R. (2021). A psiquiatria sob o neoliberalismo: Da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In Safatle, V. Silva J. N., & Dunker C. (Eds.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. xx-xx). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Nicácio, F., & Campos, G. W. S. (2007). Afirmação e produção de liberdade: Desafio para os centros de atenção psicossocial. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 18(3), 143–151.
- Oliveira, A. N., & Calvente, M. D. C. M. H. (2012). As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. *INTERAÇÕES*, 13(1), 81–92.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2009). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (2014). *Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina.
- Pereira, A. V. V. G. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Artes/Instituto de Artes/UERJ, 2008. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/7527/1/Aline%20Valadao%20Vieira%20Gualda%20Pereira.pdf>
- Santos, M. (2014) *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Secretaria de Cultura de Fortaleza. (2023). Título da página ou do documento. *Secretaria de Cultura de Fortaleza*. URL

Silva, A. C. C. da, & Oliver, F. C. (2019). Participação social em terapia ocupacional: Sobre o que estamos falando? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 858–872.
<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/dGN9LB6QMYpznYdyyDJnnd/>

Xisto, V. (2012). 'Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou!': Desinstitucionalização e estratégias de sobrevivência dos profissionais de saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*.

Agradecimentos: Agradecemos à toda comunidade que compõe o Bloco Doido é Tu, em especial aos brincantes, fazedores de arte, profissionais e agentes culturais que se implicam anualmente com a saída do bloco pelas ruas da cidade de Fortaleza-CE. Agradecemos também à todas as pessoas que foram entrevistadas, nosso muito obrigada.

Contribuição dos autores: J. G. T. D: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. S. H. F.: Orientação do trabalho, Análise dos dados, revisão do texto.

Fonte de financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em: 30/07/2024

Aceito em: 18/11/2024

Publicado em: 12/03/2025

Editores convidados: Eliane Dias de Castro